

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

LÉXICO E CULTURA AFROBRASILEIRA EM *MAR MORTO*, OBRA DE JORGE AMADO

Tatiane Almeida Ferreira¹; Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz²

1. Bolsista PEVIC/UEFS, Graduanda em Letras Vernáculas, Universidade Estadual de Feira de Santana e-mail: tattialmeida@hotmail.com
2. Orientadora, Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: rcrqueiroz@uol.com.br

PALAVRAS-CHAVE: Léxico, Cultura afrobrasileira, Literatura.

INTRODUÇÃO

A linguagem promove o intercâmbio cultural entre os povos e possibilita que estes deixem marcas lexicais na língua do outro. Portanto, ao analisar o vocabulário de origem africana presente na obra *Mar Morto*, de Jorge Amado, é possível perceber a influência das lexias que o compõe na constituição do português brasileiro, principalmente nos falares baianos, nos quais a cultura africana está mais enraizada.

Sabe-se que o método filológico, ao estudar esses fatos da cultura através do aparato literário, consegue resguardar, por ter ambos caráter documental, as mudanças e aquisições de uma língua. A literatura, como forma de representação sociocultural, dá conta da simbologia, da tradição, dos mitos e das crenças de uma sociedade. Assim, o estudo do vocabulário de origem africana retratado na obra *Mar Morto* permite ter uma dimensão, mesmo que ficcional, mas de teor verossímil, da história, da vida, do comportamento, da fé, da dança e da música dos povos que aportaram há mais de trezentos anos no Brasil, e em especial, em terras baianas. A multiplicidade linguística que aqui chegou, por conta das várias matrizes africanas, fez com que houvesse o banto, o iorubá e o fon na formação da língua portuguesa do Brasil.

É notório que foi por meio da religião que as lexias africanas permaneceram vivas na fala das pessoas, algumas ocorrendo no cotidiano, outras em determinadas situações, como nos ritos, ou em determinados grupos. Mas isso se dá em sua grande maioria quando os devotos reverenciam as divindades, entrando em contato com a língua dos seus antepassados, resgatando a força cultural e linguística destes povos que contribuíram muito para o desenvolvimento de uma língua que reflete a história da fundação do que se entende hoje por Brasil. Neste sentido, apresentar-se-ão as lexias de origem africana presentes na obra *Mar Morto*, de acordo com a teoria dos campos léxico-semânticos de Coseriu (1987), que trata da Lexemática, que compreende o estudo do vocabulário e sua funcionalidade, do estudo da significação do item lexical e da estruturação léxico-semântica. O objetivo desta análise é apresentar a maneira como Jorge Amado utiliza as lexias para demonstrar as manifestações culturais e linguísticas do povo baiano. Pretende-se, com isto, facilitar a compreensão do significado de tais vocábulos e revelar toda uma história social que está presente na língua e na literatura.

METODOLOGIA

A partir da leitura da bibliografia recomendada e do livro *Mar Morto* de Jorge Amado (94. ed., de 2007), buscou-se analisar as lexias de origem africana presentes na obra, sendo aquelas o *corpus* deste trabalho. Destarte, procedeu-se ao levantamento das lexias de acordo com a Teoria dos Campos Semânticos, estabelecida por Eugenio Coseriu, para que se pudesse organizar o vocabulário. Foram analisados os campos léxico-semânticos referentes às entidades religiosas, à hierarquia no terreiro e ao ritual.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO

As lexias foram catalogadas em campos léxico-semânticos, os quais estão organizados em macrocampos e subdivididos em microcampos. Foram elencadas as lexias mais usadas na obra, que somaram **trinta e seis**. Para esta comunicação foi escolhida uma amostra de **treze** lexias. Estas foram organizadas em ordem alfabética, destacadas em negrito e em letras maiúsculas. Na sequência vem o conceito e o primeiro contexto que aparece na obra. Para o estudo do respectivo significado foi utilizado o levantamento feito pela professora Yêda Pessoa de Castro (2005).

1 MACROCAMPO DAS ENTIDADES

1.1 MICROCAMPO: ENTIDADE

AGANJU – nome de Xangô, filho de Obatalá, o céu, e Odudua, a terra, irmão e esposo de Iemanjá. “Foi o caso que Iemanjá teve com **Aganju...**” (cap.6, p.70, l.24) (Aparece na obra 1 vez)

1.2 MICROCAMPO: NOMEAÇÕES A UMA MESMA ENTIDADE

AIOCÁ – a mãe-d’água nas expressões Mesa – Princesa – ou Rainha do Aiocá. “... dona Janaína dos canoeiros, princesa de **Aiocá** dos negros...” (cap.5,p..61, l.36 (Aparece na obra 19 vezes).

IEMANJÁ – o orixá do mar, equivalente a Nossa Senhora da Conceição ou das Candeias. “... olhos que já haviam visto **Iemanjá**, a mãe-d’ água.” (cap.2, p.15, l.7) (Aparece na obra 57 vezes).

INAÊ – nome de Iemanjá. “... a chamam de **Inaê** com devoção...” (cap.6, p.66, l.10) (Aparece 3 vezes na obra).

ÔDÊ – nome de Iemanjá. “A **Ôdê** réssé...” (cap.6, p.75, l.6). (Aparece na obra 1 vez).

1.3 MICROCAMPO: ENTIDADES

OGUM – divindade do ferro e da guerra, equivalente a Santo Antônio (Oxóssi, no Rio de Janeiro). “Eu me chamo **Ogum** de lê...” (cap.6, p.68, l.13) (Aparece na obra 1 vez).

ORIXÁS – designação genérica das divindades do panteon iorubá ou nagô-queto. “... que ela é dos **orixás** mais poderosos...” (cap.6, p.67, l.11) (Aparece na obra 1 vez).

ORUNGÃ – deus do ar, filho de Iemanjá. “Não são muitos no cais que sabem da história de Iemanjá e de **Orungã**, seu filho.” (cap.6, p.70, l.21) (Aparece na obra 1 vez).

1.4 MICROCAMPO: NOMEAÇÕES A UMA MESMA ENTIDADE

OXALÁ VELHO – orixá – funfun, a divindade suprema da criação, o pai de todos os orixás, identificado como Nosso Senhor do Bonfim. “... Oxalufã, **Oxalá velho**, o maior e mais poderoso dos orixás.” (cap.6, p.67, l.14) (Aparece na obra 1 vez).

OXALUFÃ – Ver oxalá. “... **Oxalufã**, Oxalá velho, o maior e mais poderoso dos orixás.” (cap.6, p.67, l.14) (Aparece na obra 1 vez).

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

2 MACROCAMPO DA HIERARQUIA NO TERREIRO

IAÔS – designação genérica dada aos noviços, de ambos os sexos, postos em reclusão por três ou sete semanas, sozinhos ou em grupos, período em que se submetem a certos ritos secretos que completam a sua iniciação religiosa. “... a iniciação das feitas, das **iaôs**...” (cap.6, p.68, l.5) (Aparece na obra 1 vez).

OGÃ – título nagô-queeto dado aos membros dos terreiros que são escolhidos pelos orixás para exercer uma função civil, podendo desempenhar papéis especificadamente religiosos do conteúdo sagrado. “Não era ainda um **ogã**...” (cap.5, p.64, l.9) (Aparece na obra 4 vezes).

3 MACROCAMPO DO RITUAL

MACUMBA - denominação genérica para as manifestações religiosas afro-brasileiras de base congo-angola, que incorporam orientações ameríndias, católicas e espíritas. “... o baticum monótono dos candomblés e **macumbas**.” (cap.1, p.5, l.16) (Aparece na obra 3 vezes)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este tipo de trabalho tornou-se viável por se estudar um autor com livros editados sucessivamente e que ainda é muito lido e discutido academicamente. Além disso, estudar o vocabulário de origem africana representa um resgate da história do povo africano trazido para os solos baianos.

REFERÊNCIAS

- AMADO, Jorge. 2007. *Mar Morto*: romance. 94. ed. Rio de Janeiro: Record.
- CASTRO, Yeda Pessoa de. 2005. *Falares africanos na Bahia*: um vocabulário afro-brasileiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Topbooks.
- COSERIU, Eugenio. 1987. El estudio funcional del vocabulário: compendio de lexemática. Traducción de Marcos Martínez Hernández rev. por el autor. In: _____. *Gramática, semántica, universales estudios de la lingüística funcional*. 2 ed.rev. Madrid: Gredos. p. 206-238.